IGREJA MATRIZ SANT'ANNA DE PEDREIRA (SP): UM ESTUDO ACERCA DA ARQUITETURA NEOGÓTICA NO BRASIL.

Church of Sant'Anna de Pedreira (SP): A study on Neogothic Architecture in Brazil.

CASSIANI, Janaina Bianca
Centro Universitário de Jaguariúna

RESUMO: O presente artigo propõe um estudo e análise sobre os estilos arquitetônicos do século XIX e início do século XX, sua importância e influência no historicismo do meio a partir do estudo de caso da Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira, elencando a sua importância na formação sociocultural e política do município, bem como de suas características e estilos arquitetônicos e como está inserida no panorama nacional.

Palavras-chave: História da Arquitetura; Neogótico, Pedreira (SP).

ABSTRACT: The present article proposes a study on the architectural styles of the nineteenth and early twentieth centuries, their importance and influence in the history of the Mother Church of Sant'Anna de Pedreira, considering their importance in the socio-cultural and political formation of the municipality, as well as its architectural characteristics and styles and how it is inserted in the national panorama.

Keywords: Architecture; Neo-gothic; Pedreira (SP).

INTRODUÇÃO

As igrejas, como elemento espiritual e arquitetônico, têm grande importância na formação sociocultural de um povo e de suas cidades. No ocidente cristão, é comumente em torno desses edifícios que áreas urbanas se desenvolvam, um espaço referencial, de funções bem estabelecidas, proteção física, base de fé e espiritualidade e, por que não, certo resquício da formação das vilas e cidades do período medieval, transcendentes ao tempo e espaço, e que ganhavam formas significativas diferentes que as representassem e reforçassem sua função à medida que os séculos passavam. Esses conceitos culturais aportaram no Brasil Colonial e no decorrer de séculos pautaram também a formação da sociedade brasileira.

Tendo em vista a importância das relações entre arquitetura e religião para o desenvolvimento das cidades, propôs-se o estudo da Matriz de Sant'Anna de Pedreira e sua relevância para a formação do município, bem como uma análise de seu partido arquitetônico, em diálogo como contexto histórico cultural, social e político do estado de São Paulo.

A formação religiosa foi um dos aspectos relevantes para a emancipação de Pedreira, que logo em seguida culminaram na construção da Matriz de Sant'Anna. Idealizada no estilo neogótico, a matriz insere-se na produção arquitetônica guiada pelo historicismo eclético, recorrente em São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

Cabe ainda ressaltar que minha trajetória pessoal foi ponto de partida para o interesse nos estudos tanto em arquitetura quanto em arte sacra. Desde muito jovem, acompanhada por minha família, estive envolvida com a comunidade religiosa. Foi nesse meio que obtive meu primeiro emprego, como secretária de uma paróquia, despertando-se assim a minha atenção para a beleza e a força das representações da fé humana, bem como a sua importância para a cultura e a sociedade.

Partindo do caso da Matriz, proponho uma reflexão sobre a propagação da arquitetura neogótica e seus significados nos municípios brasileiros, sobretudo entre 1860-1960 que, como esclarece a historiadora da arte Paula Vermeersch, foi período de maior produção de igrejas neogóticas no Brasil[1], dentre os quais o caso de Pedreira é exemplar.

O Lugar do Neogótico e do Eclético: uma visão geral sobre a formação desses estilos no Brasil.

O Brasil do século XIX, de modo geral, apresentou um panorama bastante complexo que correspondeu a uma série de transformações decorrentes de momentos impactantes no âmbito sociocultural – da chegada da Corte Portuguesa, passando pela vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, até o processo de independência, que trouxe à tona a busca pela modernização do país.

Dentro dessa realidade, a arquitetura nacional na primeira metade do século XIX viu-se em constante transição, deixando a influência do Barroco e do Rococó – aqui associados ao estilo Colonial português –, e assumindo os contornos do Neoclassicismo. Esse, vindo dos grandes centros europeus, desenvolveu-se no Brasil a partir da atuação da Missão Artística Francesa, consolidando-se com a atuação da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro. O neoclássico caiu

[1] Para mais, leia: VERMEESCH, Paula Ferreira. "Aspectos Ornamentais de igrejas católicas neogóticas brasileiras", in **19&20**, Rio de Janeiro, 2016.

rapidamente no gosto da elite e foi predominante aplicado no processo de modernização do país ao longo do século XIX. Vale ressaltar que esse processo de modernização seria acompanhado de intensas ações de demolição dos edifícios coloniais[2].

Valorizando os aspectos da visualidade e das formas do classicismo greco-romano, outrora já revividos pela Renascença, o neoclássico prezava pela simetria e geometria em suas formas, a elegância da ornamentação de poucos volumes e a imponência das colunas e frontões.

O Neoclássico esteve presente na arquitetura de diversas catedrais do início do século XIX, como a Catedral de Nossa Senhora da Candelária, no Rio de Janeiro, e da Catedral de Nossa Senhora da Conceição em Campinas (Figura 03), interior de São Paulo.

Adentrando os anos de 1860, o estilo neogótico aportou na arquitetura brasileira. Retomando aspectos do gótico medieval, suas origens europeias são apontadas por diferentes determinantes regionais e questões socioculturais (VERMEESCH, *apud* BENEVOLO, 2016), como as vertentes que tiveram início nas arquiteturas inglesa e francesa do século XVIII e até os anos de 1830 já havia se estabelecido e difundido por toda Europa.

O "revival" gótico, citados tanto por VERMEESCH quanto por PEREIRA[3] em pouco tempo de sua chegada e difusão, provavelmente por meio de algumas ordens religiosas, colocou-a como mais uma das opções para a concepção estética da arquitetura no Brasil.

Em pouco tempo o neogótico tornou-se uma das principais linguagens arquitetônicas na construção de igrejas, por retomar a sensação de tradicionalismo, a altivez e eloquência das antigas catedrais europeias. Em São Paulo, a Catedral Metropolitana, a Sé (Figura 04), construída entre 1913 e 1970, é um dos exemplos da arquitetura neogótica no Estado.

[2] Não foram raros os casos em que alguns edifícios e igrejas de estilo Colonial tiveram suas fachadas remodeladas – às vezes totalmente derrubadas – para dar lugar ao estilo Neoclássico. A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária, em Itu, interior de São Paulo, é um dos exemplos dessa remodelação quando, por volta de 1900, o arquiteto Ramos de Azevedo reformou sua fachada – até então colonial – aos moldes neoclássicos (Figuras 01 e 02).

[3] Ver mais a esse respeito em: PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. "O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismos e obsessões", in **ANPUH**, São Paulo, 2011.

Ainda nesse panorama, as influências do Academicismo, resultante do Neoclassicismo aportado aqui nas primeiras décadas do século XIX, também se mantinham presentes na arquitetura brasileira entre os anos finais do século XIX e o início do século XX. Embora de linhas próprias, sua relação característica com o "bom gosto" dos padrões estéticos neoclássicos, tornava-a uma arquitetura aceitável em construções públicas e privadas associada, ao mesmo tempo, a uma modernização estilística e técnica bem quista no período.

Nesse meio uma nova arquitetura, carregada pelo valor da funcionalidade, constituiu-se de uma diversidade estilística, buscando elementos característicos de variadas estéticas – retomadas do românico, renascentista, egípcia agregados as características dos estilos fervilhantes do século XIX – sem, no entanto, ignorar a unidade de concepção entre essas formas.

Nessas condições, deu-se a combinação estilística que caracterizou o *Ecletismo* (ou *Estilo Eclético*) no Brasil, a confluência de variadas características e algumas de suas particularidades formais e estruturais encontradas e aplicadas em um único edifício.

Uma linguagem arquitetônica caracterizada pela combinação e simplicidade das formas, a representação figurativa e floral na decoração, característica barroca, colunas neoclássicas na estrutura, arcos ogivais nas janelas, abóbodas que lembram o românico e o bizantino, entre outras tantas peculiaridades.

O Ecletismo, tão presente na arquitetura do final do século XIX e primeira metade do século XX, foi, como veremos, desmerecido pela historiografia da arquitetura no Brasil, que a renegou sob a acusação de sua matriz estrangeira e passadista, em face da busca por uma arquitetura e uma arte moderna e nacional. São notáveis as críticas de Lúcio Costa ao ecletismo, primeiro pelo viés de uma arquitetura neocolonial e, principalmente, a partir do seu engajamento pela corrente modernista brasileira[4].

Ao Ecletismo se atribuiu a ideia de mal gosto, um estilo sem valor, porque sem uma identidade própria e que, dessa maneira, não representava de forma alguma as características nacionais sendo assim uma mera cópia dos ideais

[4] Entre eles Lúcio Costa, ferrenho opositor aos valores do Ecletismo como estilo de identidade arquitetônica nacional. Sobre esse assunto, leia: PUPPI, Marcelo. **A Arquitetura acadêmica no Rio de Janeiro (1890-1930): uma revisão historiográfica**, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas-SP, 1994.

arquitetônicos de um passado que, além de tudo, era estrangeiro ao Brasil, prezando apenas pelo conforto e alterando-se conforme padrões moda se transformava e exigia novidades exóticas. Um estilo próprio das pessoas que amavam novidades, uma arquitetura a qual se atribuiu o termo "arquitetura de *fachada",* superficial, depreciativo (PUPPI, 1994), cujo sucesso independia de seu real valor artístico.

O Ecletismo merece um novo olhar, livre dos julgamentos de parâmetro modernista e nacionalista – como vem sendo levantado por alguns teóricos que se debruçam sobre estilo – que realce seus reais valores como linguagem estética que influenciou e estabeleceu um diálogo não apenas com o período de seu auge, mas também em toda a arquitetura brasileira e cujo lugar histórico não deve continuar sendo negado ou ignorado – demolido.

A Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira: leitura histórica de sua importância para a formação da cidade.

No interior paulista do século XIX, a tradição ruralista das grandes fazendas, principalmente as de café, gerava pequenas vilas que atendiam as necessidades tanto dos colonos quanto dos grandes coronéis que, quando não podiam estar na capital ou em cidades maiores, utilizavam os serviços básicos ali prestados incluindo para o escoamento de suas safras.

Na atual região Metropolitana de Campinas, as pequenas cidades ainda estavam em formação e aí era muito forte a presença e influência da religiosidade. Algumas das vilas cresceram a ponto de buscar sua emancipação, seja pelo bem da população seja por interesses políticos.

Para tanto, uma vila ou comarca deveria apresentar certas instituições previamente estabelecidas para que sua emancipação fosse consolidada, entre elas uma paróquia ligada à cúria diocesana da região. Essas mesmas condições foram fundamentais para a emancipação de Pedreira, a Terra dos Pedros.

Haviam pequenas capelas espalhadas pelas fazendas e pela região central da então Vila de Pedreira, construídas no decorrer do século XIX e com influências do estilo colonial e eclético, aspectos visíveis apenas em fotos antigas e muito raras. Uma delas, a Capela do Bom Jesus (Figura 05), é uma das poucas ainda

preservadas na cidade onde podemos perceber algumas das influências arquitetônicas do início do século XIX.

No entanto, nenhuma delas, segundo as indicações da época, poderiam ser elevadas a paróquia ou curadas. Para o prosseguimento do processo de emancipação de Pedreira foi construída então a primeira Capela Curada dedicada a Sant'Anna (Figura 06), inaugurada em 17 de junho de 1892.

A capela de dimensões modestas, mas maior que as demais da cidade, atendia aos requisitos previstos e, junto a outras melhorias públicas, consolidou em 31 de outubro 1896 a formação da cidade de Pedreira. Essa estrutura estava localizada nas proximidades da estação ferroviária Mogiana.

Na transição entre os séculos XIX e XX, especificamente em 1899, foi estabelecida a Paróquia de Sant'Anna de Pedreira iniciando-se à construção de uma nova igreja na região mais central, para onde a cidade se expandia, substituindo a Capela Curada de Sant'Anna de Pedreira, sob os cuidados do Padre Alexandrino F. do Rêgo Barros. Posteriormente, a capela curada foi demolida em função da construção do grupo escolar Professor Arnaldo Rossi, arborização da região, melhorias na via ferroviária e nas vias de circulação.

A nova igreja, agora Matriz, teria grandes proporções e enaltecendo a devoção à padroeira da cidade, estaria mais apta a receber os atos litúrgicos e de fé da população.

No entanto há grande dificuldade em encontrar registros documentais dos anos de construção da matriz. Provavelmente esses arquivos podem, de fato, estar armazenados junto a outros documentos da cidade. Esses documentos se encontram armazenados em diversas secretarias, pois na cidade não existe nenhum arquivo municipal fixo, o que consequentemente dificulta muito sua localização.

As principais fontes de informação sobre a fundação da Igreja Matriz passaram a ser alguns registros fotográficos e os Livros do Tombo, registros eclesiásticos do cotidiano, administrativo e litúrgicos da paróquia, nos quais encontramos relevantes aspectos acerca da construção.

As Leituras dos Livros do Tombo e as Características Arquitetônicas da Matriz de Sant'Anna de Pedreira.

Desde o Vale do Paraíba chegando ao interior de São Paulo, em acordo com o ecletismo vigente, diversas obras arquitetônicas foram construídas pautadas no amálgama de estilos variados, buscando atender as expectativas de seus arquitetos, financiadores e da população. De todo modo, é evidente a predominância do estilo neogótico no partido geral presente na Igreja Matriz de Sant'Anna (Figura 07).

A relação entre a fé de uma população e a arquitetura sacra são intrínsecas. Segundo PEREIRA, 2011 (*apud* VIOLLET-LE-DUC, 1846)[5], essas relações entre a liturgia dos sacramentos e a fé são diretamente associadas ao espaço religioso, neste caso, as igrejas ou catedrais onde se realizam e onde os fiéis são elevados a vivacidade dessas experiências. E em uma catedral de linhas neogóticas que trazem uma sensação de revitalização do passado, de continuidade, essa experiência parece tornar-se maior ou mais reconhecível, independentemente do tempo cronológico no qual essa arquitetura está inserida. A escolha deste estilo para a construção da matriz foi influenciada, assim, por esses aspectos que remetem a eloquência anacrônica das antigas catedrais europeias góticas e neogóticas tanto quanto das catedrais recém-construídas nas cidades paulistas, inclusive do interior, que eram sinônimos de prosperidade. A Catedral de Nossa Senhora do Amparo, cuja construção se iniciou em 1839 e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Mogi Mirim, iniciada em 1849, que embora apresentem a predominância de outros estilos, são exemplos dessa prosperidade.

O neogótico esteve constantemente associado as igrejas, embora sua presença não fosse exclusiva à arquitetura sacra. Notamos a presença do estilo também em prédios públicos, como o Palácio da Ilha Fiscal, no Rio de Janeiro, construído entre 1881 e 1889.

Analisando a Matriz de Sant'Anna podemos reconhecer os elementos mais marcantes do estilo neogótico e algumas de suas soluções estéticas no Brasil. Novas técnicas construtivas e materiais modernos eram empregados nessas construções, que estruturalmente estão distantes dos meios construtivos góticos.

[5] Ver mais a esse respeito em: PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. "O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismos e obsessões", in **ANPUH**, São Paulo, 2011.
.

Apresenta elementos tradicionais da estética gótica como os arcos ogivais, contrafortes e pináculos combinados a novas características como ornamentações simplificadas, estilizadas e torres axiais – a princípio, algumas das igrejas construídas neste estilo apresentavam uma única torre, trazendo certa leveza quando comparado a sua fonte de inspiração original. Os arcos ogivais estão no formato das janelas com seus vitrais iluminados; as arquivoltas e tímpano da porta central, sob um frontispício; um peculiar espaço circular em alvenaria para o que seria uma possível rosácea; pináculos e torres axiais, interligadas por um frontispício, que se elevam na paisagem.

Não há referências ou registro sobre os idealizadores e autores do projeto original, plantas ou desenhos da Matriz de Sant'Anna, a exceção dos registros descritivos e comentados feitos pelos párocos e funcionários nos Livros do Tombo da igreja, sobre processos e modificações durante as décadas de sua construção.

Nos registros dos Livros do Tombo, encontrados na Cúria Diocesana de Amparo – e cabe aqui ressaltar que o 1º Livro do Tombo oficial, escrito no período da fundação da cidade, foi levado pelo padre responsável pela vida religiosa da comunidade naquele período – apontaram uma constante transição da liderança religiosa da igreja, causando uma série de transições, muitas vezes inesperadas. Essas transições acarretavam reavaliações e alterações dos processos de construção da matriz, física e financeiramente. O termo "estilo vigente na época" é citado algumas vezes nos textos, sem efetivamente descrever ou mencionar a qual estilo se referiam. É bastante provável que essas transições sejam apontadas como fortes influências na estética arquitetônica da igreja.

Outro exemplo da influência da questão financeira na construção encontrado foi a crise do café, que não permitiu que as obras fossem finalizadas como idealizado inicialmente, sacrificando assim o estilo arquitetônico original proposto e justificando a escolha de adaptações ou de outro estilo, talvez mais barato, para dar continuidade às obras.

A página 147 do Livro do Tombo II, em seu verso, descreve a Visita Pastoral do Dom Paulo de Tarso Campos, de 01 a 04 de janeiro de 1943, onde se lê:

> *"[...] Igreja – Iniciada há muitos anos, permanece ainda inacabada, embora servindo para todos os atos do culto. As*

> *proporções em que foi lançada refletem bem a prosperidade de uma época passada; o próprio estilo foi sacrificado em parte, devido as dificuldades materiais sobrevindas com a crise do café que empobreceu esta zona [...].”*

Nos registros dos Livros do Tombo não constam as alterações que foram feitas no decorrer dos anos, mas, segundo relatos, a construção da torre da igreja e do frontispício datou de 19 de abril de 1924 a 25 de dezembro de 1924, um dos motivos que leva a crer que o estilo da igreja seria o neogótico, com apenas uma torre.

A estrutura da igreja atinge aproximadamente 40 metros de comprimento, 20 de largura e 30 metros de altura da base às cruzes no alto das torres.

Em uma foto antiga (Figura 08), datada de julho de 1946, vemos a igreja ao fundo ainda sem o acabamento, revelando a estrutura em alvenaria da construção.

O uso de tijolos nas construções é uma mudança que se iniciou no final do século XIX, uma técnica de produção trazida pelos imigrantes italianos que chegavam ao Brasil para trabalhar como mão de obra assalariada. Não era, portanto, uma prática comum sua utilização nas construções.

Percebemos ainda uma alteração considerável no terreno e na escadaria que dava acesso a igreja.

Nas imediações da Matriz haviam várias casas que posteriormente foram desapropriadas e demolidas alargando as ruas laterais e a sua frente, deram lugar a um grande largo. Com as mudanças ocorridas desde que a Igreja foi construída, e a partir da análise dessa foto, é possível afirmar que muito provavelmente, o terreno tenha sido terraplanado e rebaixado, pois atualmente a escadaria de acesso a igreja conta com mais degraus e é maior que originalmente (Figuras 09).

As janelas e as portas apresentam o formato de arcos ogivais e no pórtico central temos a adição de quatro arquivoltas. As portas originais foram substituídas (posterior à década de 1950), por portas de madeira maciças entalhadas à mão, que permanecem atualmente. As ferragens também são deste período (Figuras 10, 11, 12 e 13).

Em um registro de 02 de fevereiro de 1950, na página 61 (verso) do Livro do Tombo II, cita-se pela primeira vez a discussão pelo aval de construção da segunda torre, após a verificação técnica do alicerce estrutural.

> *"Passado o carnaval de 1950.*
> *Depois de muito labutar, conseguimos que a empresa construtora Brunelli iniciasse a construção da torre. No começo houve receio por parte da comissão das obras e do Pároco, dada a responsabilidade e a falta de recursos. Foi convidado para examinar a solidez do alicerce o grande engenheiro-arquiteto Lix da Cunha. Tudo em ordem, mercê de Deus [...]."*

A construção da segunda torre deu-se então de 01 de março de 1950 à 27 de dezembro de 1950 (Figura 14).

As duas imponentes torres, apresentam seis relógios distribuídos em três faces de cada torre, instalados também na década de 1950. Apenas uma das torres, a direita, tem sinos instalados.

Internamento o aspecto eclético se distingue, pois, a Matriz de Sant'Anna não apresenta mais arcos ogivais, mas sim arcos abatidos (Figura 15) entre colunas volumosas e capitais decorados com motivos florais e sem a presenta das típicas nervuras, ou estrias, góticas (Figuras 16 e 17).

Os pisos em ladrilhos hidráulico, apresentam padrões geométricos e florais nas naves, abside e capela do Santíssimo, que são bastante semelhantes aos encontrados em outras capelas da cidade (Figuras 18, 19, 20 e 21). Até o término desse artigo não tenha sido possível encontrar informações precisas sobre a manufatura desses ladrilhos e sua instalação, é muito provável que tenham sido inseridos entre as décadas de 1920 e 1950, permanecendo os mesmos até hoje.

Outras reformas e mudanças foram iniciadas também no interior da igreja. Em agosto de 1949, foi encomendado ao sr. Alfredo Coluccini (pai de Lélio Coluccini, renomado escultor na região), marmorista da cidade de Campinas, o altar mor da Igreja que substituiria o então altar de madeira, bastante elogiado em trechos dos Livros do Tombo.

O novo altar mor (Figura 22) foi finalizado em fevereiro de 1951, esculpido à mão em mármore, apresenta ornamentos belíssimos que remetem também ao estilo neogótico. Entalhes, relevos e pináculos são dispostos em uma estrutura de 8,30 metros de altura por 4 metros de comprimento. Sob cada um dos pináculos estão as imagens de Sant'Anna e a jovem Maria (central), São José (direita) e São Joaquim

(esquerda). A estrutura de alvenaria fica visível atrás, com compartimentos à esquerda e à direita (Figuras 23 e 24).

Os vitrais são dos elementos mais ricos na arquitetura da Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira.

Nem todas as peças apresentam uma assinatura, mas suas características estéticas são bastante similares e, portanto, leva-se a crer que foram produzidos no mesmo local. Os vitrais assinados identificados apontam a autoria da Casa Conrado (Figura 25).

A Casa Conrado foi fundada pelo alemão Conrado Sorgenicht em 1889, produzindo os primeiros vitrais em território brasileiro (antes eram importados da Europa) e por três gerações criaram peças para grandes obras arquitetônicas como o Mercado Municipal de São Paulo, o Palácio das Industrias e a Catedral Metropolitana de São Paulo, a Sé. Aqui na região, a Casa Conrado forneceu os vitrais para a Catedral Metropolitana de Campinas.

Uma Análise dos Aspectos Arquitetônicos da Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira.

Os aspectos arquitetônicos que compõe a Igreja Matriz de Sant'Anna não são definidos apenas pelos conceitos e definições técnicos e estéticos de estilo, mas também por suas características motivacionais e, quando combinadas atingem o todo arquitetônico. Segundo o arquiteto Simon Unwin, é por meio dessa organização conceitual e da identificação do local que se compreende a obra arquitetônica.

Partindo desse método de leitura, definimos mais alguns aspectos relevantes nas relações da estrutura do edifício com o espaço.

A localização central da Igreja Matriz torna-a referência para os moradores e visitantes, um ponto de encontro e de reuniões não apenas de fé, mas também de convivência.

No decorrer de sua história, o entorno ao qual está inserido sofreu uma série de mudanças e adaptações.

Quando finalizada nos anos de 1950 e nas décadas seguintes, o espaço em frente a matriz e suas laterais foram modificadas, desapropriando algumas habitações que ocupavam a área para a ampliação das ruas paralelas e a criação de um largo (Ilustração a. e b.) de fronte a igreja (Figuras 26, 27 e 28). Posteriormente,

o largo ganhou um novo paisagismo, dando lugar a uma praça (Figura 29). Combinado com a estrutura arquitetônica da igreja ocupam completamente o quarteirão.

Atualmente a praça passa por novas modificações estruturais e adaptações as necessidades de circulação urbana da modernidade – novas vagas de estacionamento e pontos para transporte coletivo –, mas mantém o belo jardim (Figura 30).

É um marco na cidade, bem como sua praça, mesmo existindo hoje outras paróquias e igrejas na cidade. Em seu entorno se desenvolveram várias estruturas públicas, comércios e residências.

Durante a manhã, a luz do sol adentra a parte de trás da igreja, atravessando os vitrais e preenchendo os espaços com cores, ressaltando as linhas e formas das imagens, em uma atmosfera cálida e serena. Já a tarde, ao pôr do sol, a luz quente adentra pela porta frontal iluminando o caminho da nave em direção ao altar, de forma intimista convidando a oração. Realça na paisagem as linhas das longas torres. Banhada pela luz natural o dia todo, o uso de luzes artificiais só se faz necessária ao cair da noite.

Ao mesmo tempo que é um lugar de oração e reflexão, o jogo de cores e luz intensifica as sensações dentro da Igreja Matriz. Ora pode parecer sombria e lúgubre, ora pode ser acolhedora e luminosa, e essa percepção está intimamente ligada com as experiências que se traz para dentro desse espaço.

As grandes portas laterais permitem a passagem de ar atravessando o transepto e se encontrando na nave central com a ventilação vinda da porta principal, criando uma sensação de frescor e ambiente arejado, sendo necessários outros meios, como ventiladores e ar condicionados, para diminuir as temperaturas apenas nos atos litúrgicos, quando há grandes fluxos de pessoas.

A estrutura do pé direito alto possibilita que o som reverbere por todo o espaço da igreja quando necessário, oferecendo excelente acústica. Mas quando vazia, é serena e silenciosa, um espaço de contemplação.

Em seu interior, a Igreja Matriz possui dezenas de texturas e experiências sensoriais projetados pelos materiais, quentes e frias, dos bancos em madeira, dos pilares simulando mármore até os ladrilhos decorados do piso.

A Matriz se eleva em meio a paisagem da cidade. Quando construída, até os anos de 1970 (Figura 31), era o edifício mais alto da cidade, suas torres alçadas aos céus eram e são visíveis de diversos pontos, convidando os moradores que viessem a ela. Mesmo hoje em meio a novos edifícios, alguns mais altos que ela, a Matriz ainda se destaca na paisagem pelas suas formas e altivez.

A estrutura ainda se encontra em um patamar mais alto em relação à praça onde está localizada, também como uma forma de destacá-la em relação a paisagem mais próxima.

As influências do tempo são inegáveis sobre as formas e os materiais, bem como sobre o espaço, mas apesar da Matriz ter mais de 118 anos, suas características originais são preservadas, sendo adaptadas e inseridos elementos modernos e até tecnológicos.

E apesar da igreja se localizar na região central, muito mais movimentada que a 100 anos atrás, repletas de sons da modernidade, ao passar por suas portas é como se estivesse entrando em outra atmosfera, abraçado pelo espaço e pela forma, por todos os seus significados e onde se pode ser transportado para outro lugar num piscar de olhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do Neogótico, e também do Ecletismo, na arquitetura brasileira na segunda metade do século XIX e início do século XX permaneceu por muitos anos em certo ostracismo histórico.

Mesmo como uma das principais linguagens arquitetônicas do período, as raras fontes de pesquisa e estudos históricos sobre o tema no Brasil acabaram por colocá-lo como um estilo de qualidade dúbia no que tange os aspectos da estética, de valor e identidade arquitetônicos, descaracterizando-o da devida relevância na formação da arquitetura nacional.

A desqualificação técnica, e por vezes genérica, do ecletismo se deve em grande parte às bases modernistas e a necessidade de estabelecer uma base nacionalista na arquitetura (PUPPI, 1994).

Na maioria das análises encontradas referentes ao período – incluindo a do arquiteto franco-brasileiro Lúcio Costa, considerado o precursor da arquitetura modernista brasileira– apontavam de forma categórica em suas análises dessas

correntes como manifestações estrangeiras que em nada se identificavam com a nacionalidade brasileira, uma mistura de estilos históricos meramente decorativos associados a um passado que não seria condizente com a atualidade e a modernidade da época.

Segundo PUPPI:

> *"Essa tendência a uma análise superficial e reducionista do período, isto é, a partir predominantemente da roupagem dos estilos históricos, verifica-se de forma cada vez mais acentuada à medida que nos distanciamos dos autores pioneiros."*

Tais critérios, equivocados e superficiais diante das necessidades de afirmação pelas quais foram constituídos, depreciaram tanto o estilo que a maioria dos edifícios construídos durante o período de vigência do Ecletismo no Brasil, sejam nos grandes centros urbanos ou nos interiores do país, não recebessem as devidas atenções em estudos e análises mais aprofundados sobre sua importância histórico-cultural e arquitetônica, o que contribuiria em muito para uma nova, e menos tendenciosa, compreensão do Ecletismo.

É nesse contexto que a Igreja Matiz de Sant'Anna de Pedreira também se insere.

Embora com certa dificuldade em encontrar registros gerais referentes à Igreja Matriz, os processos de pesquisa revelaram uma série de informações relevantes sobre o edifício, tanto sobre sua importância na formação político e sociocultural da cidade de Pedreira quanto para a suas características arquitetônicas.

Diante do levantamento de informações históricas e de análises literárias e estéticas evidenciamos que a Igreja, construída entre 1899 e 1950, embora de características predominantemente neogóticas, se coloca dentro do ecletismo nacional. As alterações apontadas no projeto no decorrer das décadas, sejam elas por questões financeiras ou técnicas, levaram a adaptações e inserções de outros estilos arquitetônicos.

Outro aspecto relevante encontrado durante as pesquisas foi o envolvimento de nomes importantes na arquitetura e na produção artística no Estado de São Paulo das primeiras décadas do século XX na construção da Igreja Matriz, como o

arquiteto e engenheiro campineiro Lix da Cunha, a Casa Conrado e a família Coluccini.

Esperamos que com essa pesquisa inicial, que levaram a uma série de importantes aspectos da presença da diversidade estilística que compõe o Ecletismo nas cidades do interior paulista, aqui representada pela Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira, seja inspiradora para uma retomada das análises sobre a relevância dos estudos das arquiteturas regionais e sua identificação estilística para o âmbito da história da formação da arquitetura nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Maria Paula e LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Gráfica Editora Brasiliana, São Paulo, 1987.

BELTRAMIN, Renata Maria Geraldini. **Caracterização e Sintetização de quatro modelos de análise gráfica: Clark, Pause, Ching, Baker e Unwin**. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas-SP, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/258347>.

DIAS, Pollyanna D'Ávila G**.** "O século XIX e o neogótico na Arquitetura Brasileira: um estudo de caracterização". In **Revista Ohun**, ano 4, p. 100-115, dez 2008. Disponível em: <www.revistaohun.ufba.br/pdf/Polyana_DAvila.pdf>.

FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel-Edusp, 1987.

FRADE, Gabriel. **Arquitetura Sagrada no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MENEGHELLO, Cristina. **Da ruína ao edifício. Neogótico, reinterpretação do passado na Inglaterra vitoriana**. Tese de doutorado, Unicamp, 2000. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280273>.

MELLO, Regina Lara Silveira. **Casa Conrado: cem anos do vitral brasileiro**. Dissertação de mestrado, Unicamp, 1996. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284311/1/Mello_ReginaLaraSilveira_M.pdf>.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. "O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre o anacronismo e obsessões." In **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848807_ARQUIVO_MARIACRISTINAPEREIRA-anpuh-2011.pdf>.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Algumas considerações sobre o Neogótico no Brasil**. In: DAZZI, Camila. VALLE, Arthur (Org.). Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República. Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/ DezenoveVinte, 2010. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/800/tomo2/files/800_t2_a35.pdf>.

PUPPI, Marcelo. **A Arquitetura Acadêmica no Rio de Janeiro (1890-1930): uma revisão historiográfica**. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas-SP, nov. 1994. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280758>.

RAMIREZ, Karen Niccoli. **Catedral da Sé de São Paulo: aspectos históricos, arquitetônicos e estruturais**. Dissertação de mestrado, POLI-Usp, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/84499/87252>.

VERMEERSCH, Paula Ferreira. "Aspectos ornamentais de igrejas católicas neogóticas brasileiras (c.1860-c.1960)". In **19&20**, Rio de Janeiro, v. XI, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/pfv_neogotico.htm>.

VERMEERSCH, Paula Ferreira. "O eclético em Campinas: patrimônio arquitetônico e historiografia**"**. In **19&20**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 4, out. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_campinas.htm>.

TIRAPELLI, Percival. **Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético**. Editora Unesp. São Paulo, 2014.

FONTES DOCUMENTAIS:

LIVRO do Tombo II - Paróquia de Sant'Anna de Pedreira.

LIVRO do Tombo III - Paróquia de Sant'Anna de Pedreira.

LIVRO do Tombo IV - Paróquia de Sant'Anna de Pedreira.

SOBRE A AUTORA:

Janaina Bianca Cassiani.

Natural de Pedreira, São Paulo. Tem 27 anos, é formada e atua como designer de interiores, e graduanda do quinto período de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de Jaguariúna.

E-mail: naahcassiani@gmail.com

Anexos do artigo: Igreja Matriz Sant'Anna de Pedreira (SP): Um estudo acerca da Arquitetura Neogótica no Brasil.





Figura 01: *Vista da Cidade de Itú*, aquarela de Miguelzinho Dutra por volta de 1851. A gravura é uma (senão a única) referência da Matriz da Nossa Senhora da Candelária, em Itú, ainda na primeira metade do século XIX, com a fachada em estilo Colonial (Disponível em Wikicommons).



Figura 02: A fachada atual da Matriz de Nossa Senhora da Candelária, em Itú. Permanece a mesma desde a reforma de 1900, realizada por Ramos de Azevedo, que modificou a fachada para o estilo Neoclássico (Disponível em Patrimônioespiritual.org).



Figura 03: A Catedral de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas, aqui em 2017, é outro exemplo do Neoclassicismo, agora no interior de São Paulo. (Foto disponível em Wikicommons).



Figura 4: A Catedral Metropolitana de São Paulo, a Sé, ainda em construção, foto de meados de 1960. Projetada por Maximiliano Hehl, a catedral apresenta fortes linhas neogóticas (Disponível em São Paulo in Foco).



Figura 5: Capela do Bom Jesus, uma das únicas que mantém alguns dos aspectos arquitetônicos originais do século XIX em boas condições na cidade (Foto tirada em 14/12/2017).

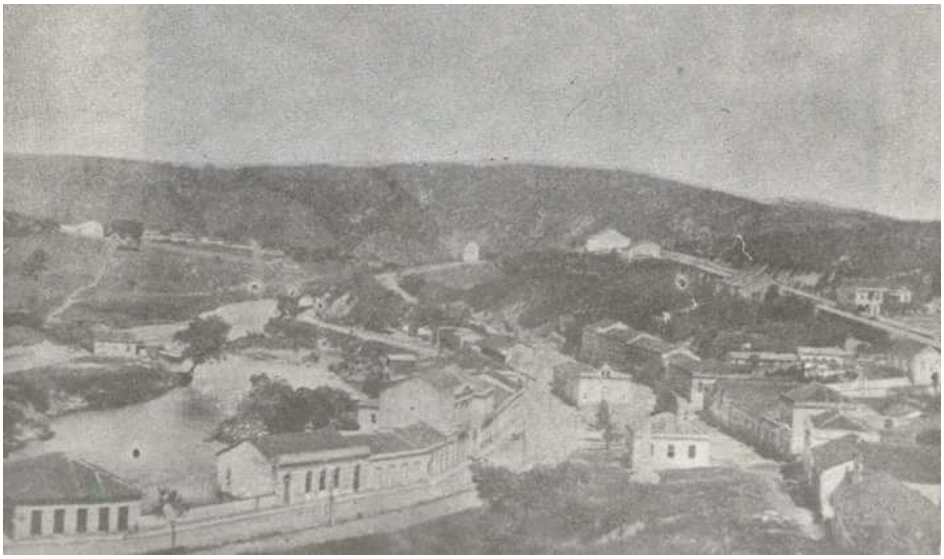


Figura 06: Vista do centro de Pedreira recém emancipada no final do século XIX, onde podemos ver a Capela Curada de Sant'Anna de Pedreira, entre a estação ferroviária Mogiana e a cadeia pública (Imagem cedida por Tiago Aparecido Broleze).



Figura 07: O frontispício da Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira, onde características estéticas neogóticas são facilmente reconhecíveis (Foto tirada em 03/11/2017).



Figura 08: Na foto vemos a porta principal da igreja ao fundo, ainda sem o acabamento nas paredes (Imagem cedida por Mateus Moro).



Figura 09: A perceptível alteração no terreno onde se localiza a Matriz de Sant'Anna, se comparada com a Figura 08 (Foto tirada em 03/11/2017).









Figuras 10, 11, 12 e 13: Detalhes das portas e os entalhes (a cima) e das ferragens (Fotos tiradas em 03/11/2017).



Figura 14: A construção da segunda torre da Igreja Matriz de Sant'Anna e em processo de acabamento. Registro fotográfico da década de 1950 (Disponível em Pedreira Antiga).



Figura 15: Detalhes dos arcos abatidos (Fotos tiradas em 03/11/2017).





Figuras 16 e 17: Detalhes de um dos capitéis e das colunas internas na nave (Fotos tiradas em 03/11/2017).





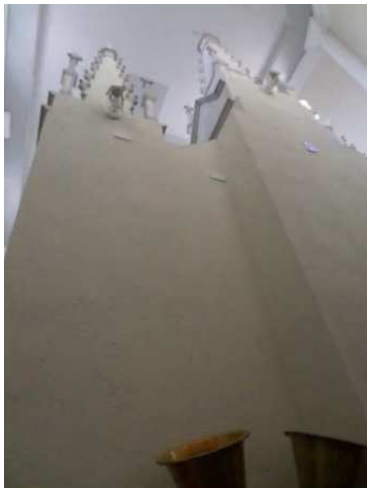




Figuras 18, 19, 20 e 21: Detalhes dos ladrilhos da nave (acima e a esquerda) e da capela do Santíssimo (a direita) (Fotos tiradas em 03/11/2017).



Figura 22: O altar mor da Igreja Matriz de Sant'Anna de Pedreira, datado dos anos de 1950. (Foto tirada em 12/2017).





Figuras 23 e 24: A estrutura de alvenaria aparente atrás do altar mor (a esquerda) e um das portas dos dois compartimentos (a dieita). (Foto tirada em 12/2017).



Figura 25: O vitral mostrando Sant'Anna e a pequena Maria, sobre a pórtico da entra principal da igreja. Os vitrais da Igreja Matriz foram produzidos pela Casa Conrado. (Foto tirada em 03/11/2017).

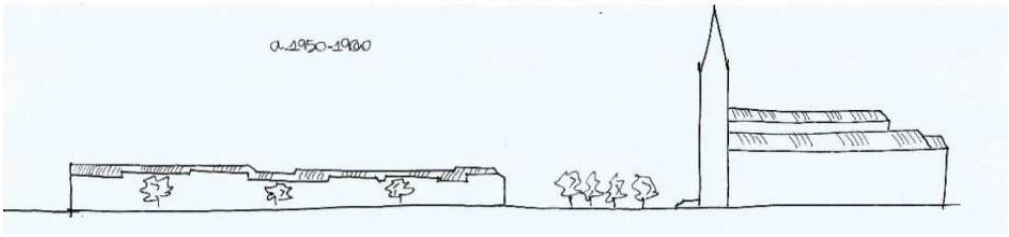


Ilustração a.: A frente da Matriz, nas primeiras décadas após sua finalização.

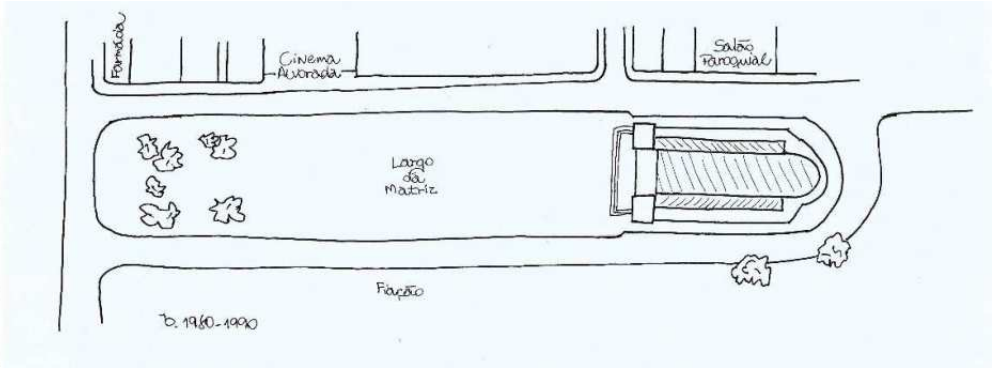


Ilustração b.: A ocupação do Largo da Matriz e seu entorno, com as principais edificações.







Figura 26, 27 e 28: As fazes do entorno da Igreja Matriz de Sant'Anna: com as moradias ainda em frente (acima a esquerda); as casas em processo de demolição para expansão das ruas e do largo (acima a esquerda) e o lardo entre as décadas de 1980 e 1990 (ao centro) (Disponíveis em Pedreira Antiga).



Figura 29: A praça da Matriz em 2017 (Disponível em: www.google.com/earth)



Figura 30: A praça atualmente e o processo de melhorias urbanas. (Disponível em: www.pedreira.sp.gov.br).



Figura 31: Vista panorâmica de Pedreira entre os anos 60 e 70, onde a Igreja Matriz se eleva na paisagem (Imagem cedida por Patrícia Liane Fernandes Panigassi).